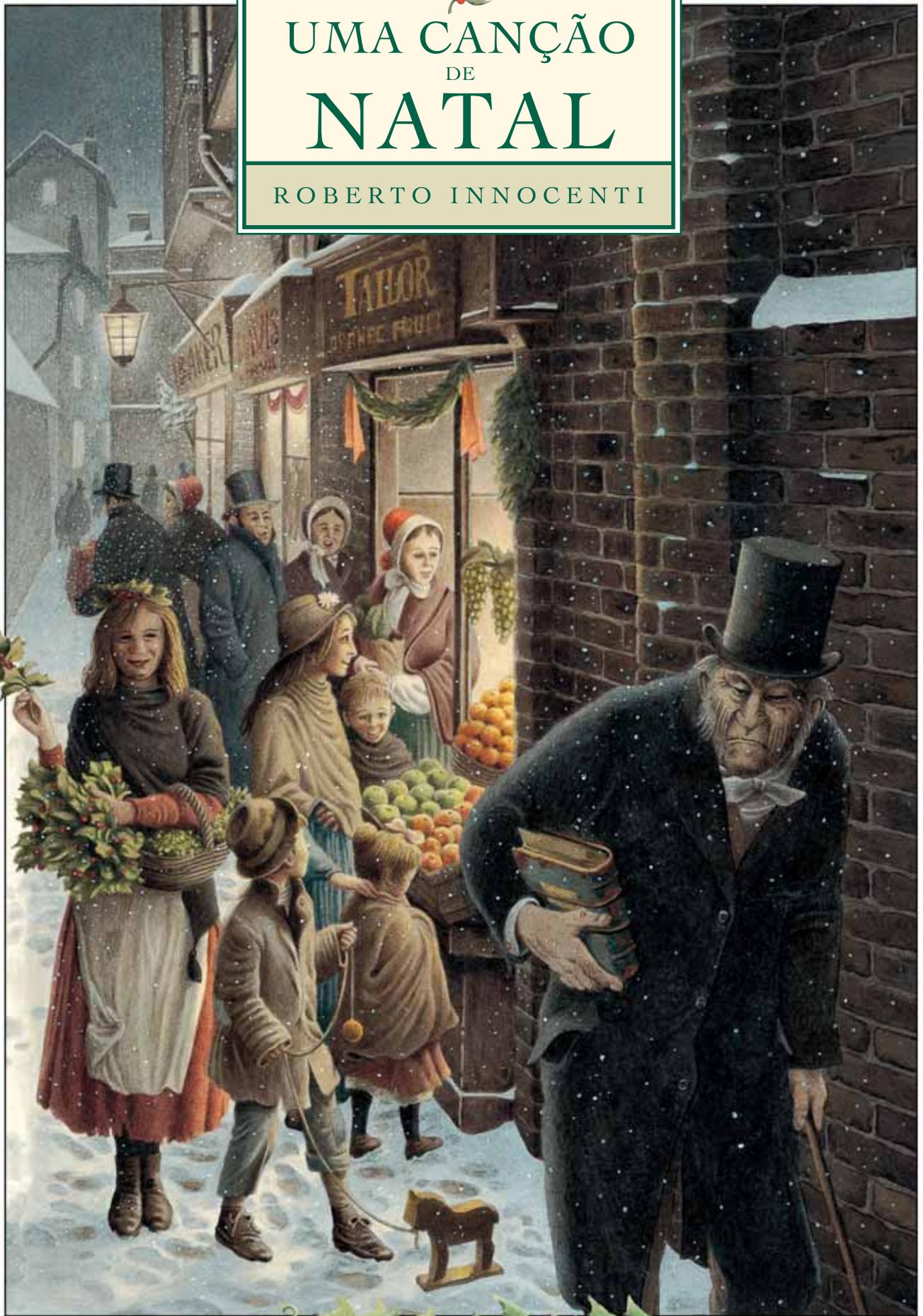


CHARLES DICKENS

UMA CANÇÃO
DE
NATAL

ROBERTO INNOCENTI





Kalandraka

A P R E S E N T A

UMA CANÇÃO
DE
 NATAL

CHARLES DICKENS E ROBERTO INNOCENTI



Título original: *A Christmas Carol* de Charles Dickens, publicado por Creative Company, 1990

© da edição original: Creative Company, 1990

© das ilustrações: Roberto Innocenti, 1990

© da tradução: Maria Herminia Brandão, 2011

© desta edição: Kalandraka Editora Portugal Lda., 2011

Rua Alfredo Cunha, n.º 37, Salas 34 e 56. 4450-023 Matosinhos. Portugal

Telefone: (00351) 22 9375718

editora@kalandraka.pt

www.kalandraka.pt

Impresso em Gráficas Anduriña, Poio

Primeira edição: dezembro, 2011

ISBN: 978-989-8205-73-5

DL: 334076/11

Reservados todos os direitos

(Esta tradução foi feita ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.)

Í N D I C E

PRIMEIRA  ESTÂNCIA
O FANTASMA DE MARLEY

7

SEGUNDA  ESTÂNCIA
O PRIMEIRO DOS TRÊS ESPÍRITOS

40

TERCEIRA  ESTÂNCIA
O SEGUNDO DOS TRÊS ESPÍRITOS

72

QUARTA  ESTÂNCIA
O ÚLTIMO DOS ESPÍRITOS

112

QUINTA  ESTÂNCIA
O FINAL

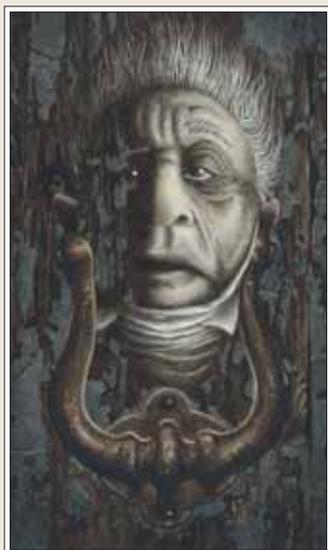
140



SCRUDGE & MARLEY



O FANTASMA DE MARLEY



PARA COMEÇAR, Marley estava morto. Disso não há a menor dúvida. O registo do seu enterro foi assinado pelo cônego, o funcionário, o cangalheiro, e a carpideira-mor. Scrooge assinou. E o nome de Scrooge era válido em Bolsa, onde quer que ele decidisse apor a sua assinatura.

O velho Marley estava morto como o prego de uma porta.

Atenção! Não quero com isto dizer que eu saiba, de ciência feito, o que há de especialmente morto num prego de porta. Por mim, até estaria inclinado a considerar um prego de caixão como a peça de ferragem mais mortal que há no ofício. Mas a sabedoria dos nossos antepassados está no símile; e não hão de ser as minhas mãos impuras a perturbá-la, ou o País está arrumado. Ides portanto permitir-me que repita, com ênfase, que Marley estava tão morto como o prego de uma porta.

Scrooge sabia que ele estava morto? É evidente que sabia. Como podia ser de outro modo? Scrooge e ele eram sócios há não sei quantos anos. Scrooge era o seu



único testamenteiro, único administrador, único herdeiro, único legatário universal, único amigo e única carpideira. E mesmo Scrooge não estava tão destroçado como isso pelo infausto acontecimento, tendo sido antes um excelente homem de negócios no próprio dia do funeral, e tendo-o solenizado com aquilo que foi sem dúvida uma boa negociata.

A menção do funeral de Marley leva-me de volta ao ponto onde comecei. Não há dúvida de que Marley estava morto. Isto tem de ser compreendido com toda a nitidez, ou não sairá nada de fantástico da história que vou relatar. Se não estivéssemos perfeitamente convencidos de que o Pai de Hamlet morreu antes de a peça começar, não haveria nada de especialmente extraordinário no facto de ele aparecer a dar uma volta à noite, com vento de leste, nas muralhas que eram dele, não mais do que haveria no facto de qualquer outro cavalheiro de meia idade sair precipitadamente depois do escurecer e ir até um lugar batido pela ventania – digamos o Cemitério de S. Paulo, por exemplo – para assombrar, literalmente, o espírito fraco do filho.

Scrooge nunca apagou o nome do Velho Marley. Ali estava ele, anos depois, ao cimo da porta do armazém: Scrooge e Marley. A firma era conhecida por Scrooge e Marley. Havia pessoas que eram novas no negócio e umas vezes chamavam Scrooge a Scrooge, e outras vezes Marley, mas ele dava pelos dois nomes. Tanto lhe fazia.



Pois! Mas para quem trabalha ele era um unhas de fome, Scrooge! Um velho malandro, a espremer, a extorquir, a arrebanhar, a rapar, a apertar, ganancioso! Duro e afiado como sílex, do qual nunca aço algum fizera brotar fogo generoso; secreto e metido consigo, e solitário como uma ostra. O frio que tinha dentro gelava-lhe as feições de velho, afilava-lhe o nariz pontudo, engelhava-lhe a face, entorpecia-lhe o andar; punha-lhe os olhos vermelhos, os lábios finos, azuis; e falava com aspereza na sua voz roufenha. Havia sobre a cabeça dele uma poalha gelada, e sobre as sobrancelhas, e no queixo seco e duro. Trazia sempre consigo essa temperatura baixa; gelava o escritório nos dias de canícula; e não a derretia um grau que fosse no Natal.

Calor e frio exteriores pouca influência tinham em Scrooge. Não havia calor que o aquecesse nem invernia que o resfriasse. Não havia vento a soprar mais agreste do que ele, não havia neve a cair mais concentrada no seu propósito, nem chuva batida menos recetiva a pedidos. O mau tempo não sabia por onde lhe pegar. A chuva, e a neve, e o granizo, e a saraiva mais violentas só podiam gabar-se de vantagem em relação a ele num único aspeto. Às vezes ‘caíam’ com elegância, Scrooge jamais.

Não havia nunca ninguém a detê-lo na rua para dizer com ar prazenteiro: «Meu caro Scrooge, como vai? Quando é que aparece a visitar-me?» Não havia mendigos a implorar-lhe uns trocos, crianças a perguntar-lhe as horas que eram, nem houve nenhuma vez na vida de Scrooge um homem ou uma mulher a perguntar-lhe o ca-



minho para um lugar assim e assado. Até os cães dos cegos pareciam conhecê-lo; e quando o viam aproximar-se, puxavam os donos para dentro dos portais ou pelos pátios acima; e a seguir abanavam as caudas como que a dizer: «Mais vale não ter olho nenhum do que um olho malvado, maldito patrão!»

Mas Scrooge não se ralava nada! Era disso mesmo que ele gostava. Esgueirar-se pelos caminhos da vida atulhados de gente, avisando toda e qualquer simpatia humana para se manter à léguas, era isso que fazia os que o conheciam chamar ‘tarado’ a Scrooge.

Era uma vez – de todos os dias bons do ano, era véspera de Natal – e o velho Scrooge estava todo atarefado no gabinete de contas. Estava um tempo frio, desgasalhado, cortante: nevoento por todo o lado: e ele ia ouvindo as pessoas no pátio lá fora, para cima e para baixo, a resfolegar, a dar palmadas no peito, e a bater com os pés sobre as pedras da calçada para os aquecer. Os relógios da cidade tinham apenas acabado de dar as três, mas já estava praticamente de noite – não houvera claridade o dia todo –, e havia velas a arder nas janelas dos escritórios vizinhos, como nódoas rubras no ar castanho palpável. O nevoeiro chegou, infiltrando-se por cada frincha e por cada fechadura, e era tão denso lá fora que, embora o pátio fosse estreitíssimo, as casas do outro lado eram meras assombrações. Ao ver a nuvem parda a descer por ali abaixo, a obscurecer tudo, podia ser-se levado a pensar que a Natureza vivia ali ao lado e estava ocupada a fazer cerveja em larga escala.



A porta do gabinete de contas estava aberta para Scrooge poder ter o seu escriturário debaixo de olho, o qual, numa cela miserável mais além, uma espécie de tanque, estava a copiar cartas. Scrooge tinha uma lareira muito pequena, mas a lareira do escriturário era tão mais pequena que parecia ser um único carvão. Mas ele não conseguia abastecê-la porque Scrooge tinha o caixote do carvão na sala dele; e, tão certo como o escriturário entrar com a pá, seria o patrão predizer que chegara a altura de se separarem. Pelo que o escriturário se embrulhou no cachecol e tentou aquecer-se à vela; esforço em que, não sendo um homem de grande imaginação, acabou por falhar.

– Feliz Natal, tio! Deus o guarde! – gritou uma voz alegre. Era a voz do sobrinho de Scrooge, que chegou junto dele tão de repente que esse foi o primeiro sinal da sua aproximação.

– Bah! – disse Scrooge. – Disparate!

Scrooge, que todo ele resplandecia; trazia rosada a cara simpática; os olhos brilhavam-lhe e o bafo dele fumegava outra vez.

– O Natal um disparate, tio! – disse o sobrinho de Scrooge. – Não está a falar a sério, pois não?

– Estou, pois – disse Scrooge. – Feliz Natal! Que direito tens tu de estar feliz? Que razões tens tu para estar feliz? És pobre que chegue.

– Deixe-se disso, ande lá – retorquiu o sobrinho alegremente. – Que direito é que o tio tem de estar deprimido? Que razões é que tem para estar mal disposto?



É rico que chegue.

Scrooge, à falta de melhor resposta imediata, disse: – Bah! – outra vez; e logo a seguir: – Disparate.

– Não se zangue, tio! – disse o sobrinho.

– Que outra coisa posso fazer – retorquiu o tio – quando vivo num mundo de loucos como este? Feliz Natal! Fora com essa do Natal feliz! Que é para ti o Natal se não uma altura de pagares contas sem teres dinheiro; uma altura de dares por ti mais velho um ano mas nem sequer mais rico uma hora; uma altura de fazeres o balanço dos teus livros e teres cada *item* que lá vem, multiplicado por uma dúzia de meses, a testemunhar contra ti? Se eu pudesse fazer aquilo que me apetecia – disse Scrooge com ar indignado – cada idiota que anda por aí com ‘Feliz Natal’ na ponta da língua devia ser posto a ferver mais o pudim, e enterrado com uma estaca de azevinho espetada no coração. Devia sim senhor!

– Tio! – implorou o sobrinho.

– Sobrinho! – retorquiu o tio com severidade – guarda lá o Natal à tua maneira, e deixa-me guardar o meu à minha.

– Guardá-lo! – repetiu o sobrinho de Scrooge. – Mas o tio não o guarda!

– Então deixa-me deixá-lo em paz – disse Scrooge. – Que te faça bom proveito! Tem-te feito um grande proveito, não haja dúvida!

– Há muitas coisas das quais eu podia ter tirado proveito, com as quais não lucrei nada, acho eu – replicou o sobrinho. – O Natal entre outras. Mas tenho a cer-



teza de que pensei sempre na época do Natal, quando ele chega – à parte a veneração devida ao seu nome e à sua origem sagrados, se é que há alguma coisa referente a ele que possa deixar de ter isso em consideração – como um tempo bom; um tempo de bondade, de perdão, caritativo, agradável; a única altura que eu conheço, no longo calendário do ano, em que homens e mulheres, por consentimento mútuo, parecem abrir sem peias os seus corações fechados, e pensar nas pessoas que estão abaixo deles como sendo companheiros de viagem rumo à cova, e não como outra raça de criaturas a caminho de outras viagens. E por consequência, tio, embora ele nunca me tenha posto no bolso nenhuma raspa de ouro nem de prata, creio que me *tem* feito bem; e *vai* fazer-me bem; e digo, que Deus o traga!

Do escriturário, que estava no tanque, veio um aplauso involuntário. Tomando imediatamente consciência do despropósito, pôs-se a remexer no fogo e extinguiu para sempre a última e frágil faísca.

– Eu que ouça mais algum ruído vindo desse *teu* lado – disse Scrooge – e o teu Natal vai ser perderes o emprego! O cavalheiro é um orador sublime – acrescentou, voltando-se para o sobrinho. – Veio-me à ideia se não estaria melhor no Parlamento.

– Não se zangue, tio. Ande lá, venha jantar connosco amanhã.

Scrooge disse que havia de o ver – disse pois, a sério que disse. Mas disse a frase toda até ao fim, disse que primeiro ainda havia de o ver nas últimas.

– Mas porquê? – gritou o sobrinho de Scrooge. – Porquê?



– Por que é que tu te casaste? – disse Scrooge.

– Porque me apaixonei.

– Porque te apaixonaste! – rugiu Scrooge, como se isso fosse a única coisa no mundo mais ridícula do que um feliz Natal. – Boas tardes!

– Não é por isso, tio, que o tio nunca me veio ver antes de isso acontecer. Por que está a dar isso agora como razão para não vir?

– Boas tardes – disse Scrooge.

– Eu não quero nada de si; não lhe estou a pedir nada, por que é que não podemos ser amigos?

– Boas tardes – disse Scrooge.

– Tenho pena, a sério que tenho, de vê-lo assim tão renitente. Nunca tivemos querela nenhuma de que eu fosse uma das partes. Mas eu fiz a tentativa em homenagem ao Natal, e vou manter a minha disposição natalícia até ao fim. Por isso, Feliz Natal, tio!

– Boas tardes! – disse Scrooge.

– E Próspero Ano Novo!

– Boas tardes!

O sobrinho saiu da sala sem uma palavra irada, apesar de tudo. Parou na porta de fora para dar as Boas Festas ao escriturário, que, cheio de frio como estava, foi mais caloroso do que Scrooge, pois que as retribuiu com cordialidade.



– Lá está outro – resmungou Scrooge, que o tinha ouvido. – O meu empregado, com quinze xelins por semana, e mulher e filhos, a falar de um feliz Natal. Eu vou-me mas é para Bedlam.

O referido lunático, ao abrir a porta para o sobrinho de Scrooge sair, tinha deixado entrar outras duas pessoas. Eram cavalheiros de porte distinto, de aspeto agradável, e agora ali estavam eles, de chapéu na mão, no escritório de Scrooge. Traziam livros e papéis na mão, e fizeram-lhe uma vénia.

– É a Firma Scrooge e Marley, creio eu – disse um dos cavalheiros, conferindo pela lista que trazia. – Será que tenho o prazer de falar com o Sr. Scrooge, ou com o Sr. Marley?

– O Sr. Marley já morreu há sete anos – respondeu Scrooge. – Faz agora sete anos que ele morreu, esta noite mesmo.

– Não temos qualquer dúvida de que a sua liberalidade está bem representada pelo sócio sobrevivente – disse o cavalheiro, apresentando as suas credenciais.

É evidente que estava; pois eles tinham sido dois espíritos consanguíneos. À ominosa palavra 'liberalidade', Scrooge franziu o sobrolho e abanou a cabeça, e devolveu-lhe as credenciais.

– Nesta festiva época do ano, Sr. Scrooge – disse o cavalheiro, pegando numa pena – é mais do que usualmente desejável que fizéssemos uma qualquer ligeira provisão a favor dos Pobres e destituídos, que padecem enormemente nos tempos



que correm. Há muitos milhares a quem faltam as necessidades mais comuns; há centenas a quem faltam os confortos mais comuns, excelência.

– Já não há prisões, é? – perguntou Scrooge.

– Há prisões que chegue – disse o cavalheiro, pousando outra vez a pena.

– E os Asilos – perguntou Scrooge – ainda funcionam?

– Ainda. No entanto – retorquiu o cavalheiro – quem me dera poder dizer que não.

– Então as Casas de Correção e a Assistência aos Indigentes estão em vigor por inteiro, não é?

– As duas em pleno, excelência.

– Ah! Eu até já estava com medo, por aquilo que disse antes, que tivesse acontecido alguma coisa que as tivesse detido no seu útil percurso – disse Scrooge. – Folgo muito em ouvir isso.

– Convictos que estamos de que elas providenciam escasso refrigério de corpo e alma ao vulgo – retorquiu o cavalheiro – alguns de nós estamos empenhados em providenciar um fundo para comprar aos Pobres carne e bebida, e meios de aquecimento. Escolhemos esta altura porque é uma época, entre todas as outras, em que a Privação se sente com mais acuidade e a Abundância rejubila. Quanto é que posso pôr em seu nome?

– Nada! – retorquiu Scrooge.

– Deseja guardar o anonimato?



– Desejo é que me deixem em paz e sossego – disse Scrooge – visto que me perguntam o que é que eu desejo, cavalheiros, esta é a minha resposta. Eu pessoalmente não festejo nada no Natal e não me posso dar ao luxo de pôr mandriões a festejar. Ajudo a custear as instituições que mencionei – ficam bastante caras; e aqueles que estão mal de finanças devem é ir para lá.

– Há muitos que não podem ir; e muitos que preferiam morrer.

– Se preferirem morrer – disse Scrooge – mais vale que morram, e assim diminuem a população excedentária. Além do mais – peço desculpa – não sei dessas coisas.

– Mas ficava a saber – observou o cavalheiro.

– Não tenho nada a ver com isso – replicou Scrooge. – Basta que cada um saiba da sua vida, e não interfira na dos outros. A minha ocupa-me constantemente. Boas tardes, meus senhores!

Vendo claramente que seria inútil insistir no que os trouxera ali, os cavalheiros retiraram-se. Scrooge voltou aos seus afazeres com uma opinião melhorada sobre si próprio, e numa disposição mais galhofeira do que era seu costume.

No entanto, o nevoeiro e a escuridão adensavam-se de tal modo que havia gente a correr de um lado para o outro com tochas a arder, oferecendo os seus serviços para ir adiante dos cavalos das carruagens e guiá-los no caminho. A velha torre de uma igreja, cujo sino rouco passava o tempo a espreitar para baixo para Scrooge com ar manhoso de uma janela gótica que havia na parede, ficou invisível,



e batia as horas e os quartos no meio das nuvens, a que se seguiam vibrações trémulas, como se os dentes lhe estralejassem na cabeça gelada lá no alto. O frio tornou-se intenso. Na rua principal, no canto do pátio, estavam uns trabalhadores a reparar os canos da água, e tinham acendido uma enorme fogueira num braseiro, à volta da qual se tinha juntado um grupo de homens e rapazes andrajosos: enlevados, a aquecer as mãos e a piscar os olhos diante das chamas. Abandonado para ali sozinho, o tampão da água, ofendido, congelou, e transformou-se em gelo misantrópico. A claridade brilhante das lojas, onde raminhos e bagos de azevinho estalavam ao calor das luzes da montra, enrubescia as faces pálidas que iam passando. Os ofícios de galinheiro e merceeiro passaram a ser uma graça fantástica: uma esplendorosa procissão com a qual era praticamente impossível acreditar que princípios maçadores como pechincha e venda tivessem alguma coisa a ver. O Lord Mayor, na fortaleza da poderosa Mansion House, dava ordens aos seus cinquenta cozinheiros e mordomos para guardarem o Natal como era dever da fortaleza de um Lord Mayor; e até o alfaiatezeco que ele multara em cinco xelins na segunda-feira anterior, por conduta embriagada e sanguinária nas ruas, estava no sótão a bater o pudim para amanhã, enquanto a magricelas da mulher e o bebé se escapuliam para comprar o bife.

Mais nevoento ainda, e mais frio. Frio que penetra, que trespassa, que morde. Bastava que o bom São Dunstan tivesse mordiscado o nariz do Génio Mau com um toque de tempo como este, em lugar de usar as suas armas costumeiras, e ele teria então de facto rugido de prazer. O dono de um nariz jovem e ralo, roído e



REDMAN & SO.

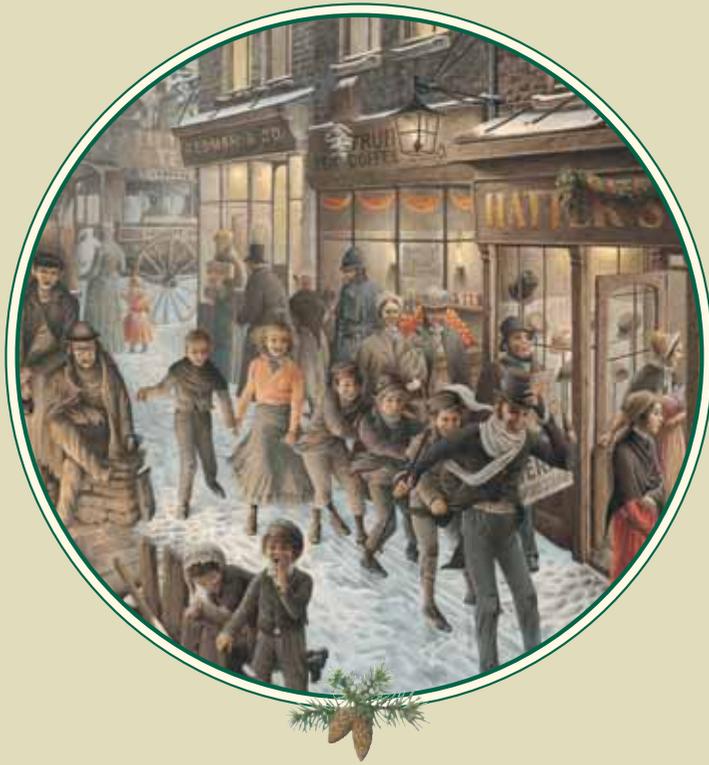
FRUIT
TEA COFFEE

HATLER'S

LIVERPOOL

PRIVATE

NEW
BROAD SQUARE



ISBN 978-989-8205-73-5



9 789898 205735